

## Sumário

### **China e EUA: de guerras cambiais a guerras comerciais**

Vera Thorstensen

O artigo analisa as consequências para o comércio mundial da confrontação entre a China e os EUA em matéria cambial. Esse embate está acontecendo sem que o Fundo Monetário Internacional (FMI) e a Organização Mundial do Comércio (OMC) consigam chegar a uma solução bem-sucedida. Quais são as opções, no âmbito da OMC, para lidar com o problema? O Brasil, de seu lado, enfrenta um dilema ao definir suas políticas em relação à China de modo a encontrar um ponto de equilíbrio entre custos e oportunidades. O quadro é extremamente complicado e parece turvar as esperanças de se estabelecerem regras estáveis para o comércio internacional, objetivo que está presente nos fundamentos da OMC, mas que parece uma realidade distante.

### **A nova realidade das políticas comerciais e seus efeitos sobre o multilateralismo**

Aluisio de Lima-Campos

O autor examina a nova realidade da política comercial nos principais países e blocos e avalia sua influência, principalmente quanto aos destinos do multilateralismo, da Organização Mundial do Comércio (OMC) e, notadamente, da Rodada Doha. O artigo busca responder questões, como: por que o comércio não tem sido visto como parte da solução para a crise financeira? Por que não se avança nas negociações de um acordo na Rodada Doha? Por que o multilateralismo está em crise? Para tanto, são examinados os diversos sistemas de formulação e as novas tendências das políticas comerciais, inclusive na área de acordos preferenciais de comércio. O artigo também projeta as implicações para a política comercial do Brasil da nova realidade das políticas comerciais no mundo.

### **O argumento em prol do fortalecimento das relações Brasil e Índia**

Oliver Stuenkel

Em 2050, a Índia será a terceira maior economia do mundo, com o Brasil logo atrás em quarto lugar. Como consequência do crescente domínio econômico de ambos os países, é inevitável que os laços entre o Brasil e a Índia atinjam uma intensidade e um alcance inimagináveis até agora, e possivelmente bem antes de 2050. O autor elenca as quatro áreas chave em torno das quais, em sua opinião, o novo governo brasileiro deveria concentrar-se para fortalecer as relações entre os dois países: comércio, defesa da democracia no mundo em desenvolvimento, compartilhamento do conhecimento em larga escala sobre questões de desenvolvimento econômico, de saúde pública e de educação, e a democratização da governança global.

### **Uma visão oriental (uruguaia) da situação regional**

Sérgio Abreu

Os problemas do Mercosul devem ser resolvidos de duas maneiras. Ou se consolida a formação de uma União Aduaneira efetiva que inclua a harmonização das políticas públicas em prazos razoáveis, ou se revisam as regras de jogo atuais para contemplar equilibradamente os interesses e as necessidades de todos os Estados Parte, a curto prazo, ainda que avançando posteriormente na concretização da União Aduaneira e do Mercado Comum, opina o autor. O Brasil é o sócio com mais condições de recuperar o Mercosul como sistema de integração e instrumento de desenvolvimento, mas, para isto, “deve ter claro que não pode fugir desta responsabilidade no contexto de uma fuga globalizante, ou alternando sua política continental com perigosas concessões aos novos populismos”.

### **Os grandes historiadores da China (John King Fairbank e Wang Gungwu), a teoria da relevância indeterminada e o presente e futuro chineses**

Paul Evans

O grande tema estratégico de nossos tempos não é apenas o poder ascendente da China, mas se sua visão de mundo e teoria aplicada vão convergir para uma ordem global ou se afastar dela. Este texto compara a visão que dois dos maiores historiadores da China, John Fairbank e Wang Gungwu, tiveram da evolução do pensamento chinês a respeito da ordem mundial. Ambos acham que a história é importante, mas de maneira

indeterminada. Embora ambos sejam céticos em relação à ideia de valores universais para os chineses, Wang vê maiores perspectivas para a adaptação da China às influências externas, inclusive nas áreas de direitos humanos e democracia.

### **A paz possível, mas improvável – uma resposta a Tony Blair**

Samuel Felberg

O artigo é uma resposta ao texto do ex-premiê britânico, Tony Blair, publicado por esta Revista em sua edição de junho-julho e agosto de 2010. Felberg discorda da visão otimista de Blair sobre os resultados obtidos até agora nas negociações entre Israel e seus vizinhos palestinos. Ele analisa, nesta edição, as possibilidades de avanço das negociações entre as partes a partir da percepção israelense de uma ameaça permanente a seus interesses estratégicos. “Lamento que Blair não tenha razão. Não creio que os elementos por ele apresentados possam ser sequer vislumbrados no futuro longínquo. Ao longo dos últimos sessenta anos, somente acertaram aqueles que acreditaram que a paz só seria obtida através da força, o que pode ser entendido como um novo cessar-fogo”.

### **O papel do Congresso na formação da política externa dos EUA**

Déborah Barros Leal Farias

Há um longo debate teórico entre cientistas e praticantes da política nos EUA sobre se as políticas externas do país são, do ponto de vista da intenção dos autores da Constituição, competência exclusiva do presidente da República. Na prática, no entanto, a formulação da Política Externa dos Estados Unidos somente pode ser compreendida de forma plena quando o papel do Congresso é levado em consideração. O artigo analisa o papel histórico que o Congresso tem desempenhado em questões relacionadas a eventuais declarações de guerra e ao seu papel no tocante a tratados internacionais e conclui que papel do poder Legislativo na condução da Política Externa do país tem sido organicamente construída tendo como base circunstâncias históricas e políticas.

### **O estilo próprio da Nova República: 25 anos de redemocratização da política externa brasileira**

Dawisson Belém Lopes

O artigo revisita, de um ponto de vista histórico, a transição do regime militar, no Brasil, para a democracia representativa, no contexto da política externa do país. O autor menciona os primeiros movimentos que foram feitos para ajustar as práticas diplomáticas da época ao recém-inaugurado contexto institucional brasileiro, em 1985, tanto dentro como fora do Ministério das Relações Exteriores. Cita duas falas relevantes de Olavo Setúbal, chanceler, e do presidente José Sarney. O primeiro disse, na cerimônia de formatura da turma de 1985 do Instituto Rio Branco, que “a política externa brasileira deve apresentar-se unívoca, em métodos e critérios éticos e políticos, com as práticas internas e com o estilo próprio da Nova República”.

### **As relações internacionais no pensamento de Pio XII**

Gabriel Ribeiro Barnabé

Em um momento particularmente grave e delicado da vida internacional (outubro de 1939, apenas um mês e vinte dias após a invasão de Hitler à Polônia e a subsequente declaração de guerra da França e da Grã-Bretanha à Alemanha), Pio XII procurou reafirmar que uma ordem internacional pacífica, justa e duradoura pressupõe o respeito a princípios básicos de direito natural e a limitação do arbítrio humano à razão suprema. Essa posição consta da encíclica *Summi Pontificatus*, de 1939.

### **Passagens**

#### **Néstor Kirchner (1950-2010) e seu labirinto**

Márcia Carmo

No seu mandato presidencial, entre 2003 e 2007 e no mandato de sua esposa e sucessora, Cristina Fernández de Kirchner, Néstor Kirchner foi onipresente nas questões internas e nas escassas iniciativas externas. Até morrer, no dia 27 de outubro de 2010.

O pragmatismo não foi a característica das suas iniciativas a partir da cadeira presidencial, na Casa Rosada, a sede da Presidência. Talvez por isso suas medidas ainda gerem discussões entre os argentinos poucos dias após sua morte. “Kirchner dividiu o país e contribuiu para seu isolamento internacional”, dizem seus críticos. “Kirchner se concentrou em melhorar as condições sociais do país”, dizem seus seguidores.

Com a batuta de Kirchner, a política externa argentina teve, praticamente, quatro pilares: a relação com os vizinhos (algumas vezes turbulenta), a defesa da soberania das Ilhas Malvinas (Falklands, para os ingleses), as acusações contra o Irã (autoridades

iranianas envolvidas num atentado em 1994 em Buenos Aires) e a imprevisibilidade com países como a China.

### **Theodore Sorensen (1928-2010), um dos últimos elos com Camelot de John Kennedy**

Carlos Eduardo Lins da Silva

Ele não foi apenas um “ghost writer” do senador e presidente John Kennedy. Os repórteres que cobriam o período definiam Sorensen como uma espécie de “*alter ego* intelectual” de Kennedy, um de seus conselheiros mais íntimos e decisivamente influentes, comparável ao irmão Robert. Este, por sinal, deu testemunho que corroborava a impressão dos jornalistas ao dizer que sabia quando um problema do presidente era sério: “sempre que a questão era realmente difícil, Jack [John Kennedy] chamava Ted Sorensen”, que tinha especial orgulho de sua participação nas tomadas de decisões da crise dos mísseis cubanos.

Após o assassinato do presidente em 22 de novembro de 1963, Sorensen trabalhou como advogado em Washington e assessorou chefes de Estado de outros países, mais notadamente Anuar Sadat, do Egito, e Nelson Mandela, da África do Sul, com quem mais uma vez comprovou seu talento como diplomata amador, tendo ajudado Sadat nas negociações de paz com Israel que levaram ao acordo de Camp David, e Mandela na elaboração do projeto de reconciliação nacional após o fim do apartheid.

## **Documentos**

### **Os brasileiros estão otimistas com o Brasil, apesar dos problemas**

Pesquisa de opinião realizada no Brasil como parte da *Pesquisa Pew sobre Atitudes Globais de 2010* (22 de setembro de 2010)

### **Dilemas da grande estratégia brasileira**

Hals Brands

Monografia para o Instituto de Estudos Estratégicos do Colégio de Guerra do Exército dos EUA

## **Livros**

### **Xadrez internacional e social-democracia**

*Fernando Henrique Cardoso*

Maria Hermínia Tavares de Almeida

### **O Brasil e os ventos do mundo**

*Luiz Felipe Lampreia*

Demétrio Magnoli

### **Brazil on the rise: the story of a country transformed**

*Larry Rohter*

Luiz Felipe Lampreia

### **Brasil, país do presente: o poder econômico do “gigante verde”**

*Alexander Busch*

Maria Helena Tachinardi

### **The new Brazil**

*Riordan Roett*

Carlos Eduardo Lins da Silva

### **O sul mais distante: os EUA, o Brasil e o tráfico de escravos africanos**

*Gerald Horne*

Carlos Haag

### **Inovação no Brasil e na Coreia do Sul. Os efeitos do novo regime internacional de patentes sobre as estratégias de desenvolvimento econômico**

*Rafael Ramalho Dubeux*

Anselmo Takaki

**Crisis economics: a crash course in the future of finance**

*Nouriel Roubini e Stephen Mihm*

Helga Hoffmann

**Climate refugees**

*Collective Argos*

Carolina de Abreu Batista Claro

**As FARC, uma guerrilha sem fins?**

*Daniel Pécaut*

Luis Fernando Ayerbe